

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

VIVIANE RODRIGUES DE FREITAS

DA UTOPIA À SÁTIRA: AS IRONIAS DE UM “PAÍS IDEAL”
EM *OS BRUZUNDANGAS* DE LIMA BARRETO

Uberlândia

Dezembro/2008

3736

3736

S.9

(c)

VIVIANE RODRIGUES DE FREITAS

DA UTOPIA À SÁTIRA: AS IRONIAS DE UM “PAÍS IDEAL”
EM *OS BRUZUNDANGAS* DE LIMA BARRETO

Monografia apresentada ao curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação do prof. Dr. Paulo Roberto de Almeida.

Uberlândia
Dezembro/2008

FREITAS, Viviane Rodrigues de. (1980)

Da utopia à sátira: as ironias de um “país ideal” em *Os Bruzundangas* de Lima Barreto / Viviane Rodrigues de Freitas – Uberlândia, 2008.

Fls. 48.

Orientador: Dr. Paulo Roberto de Almeida

Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História

Inclui Bibliografia

Palavras – Chave: Os Bruzundangas – Lima Barreto – História - Literatura.

Viviane Rodrigues de Freitas

Da utopia à sátira: as ironias de um “país ideal” em *Os Bruzundangas* de
Lima Barreto

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo Roberto de Almeida – Orientador (INHIS-UFU)

Ms. Juliana Lemes Inácio

Mestrando Carlos Meneses de Sousa Santos

Dedico este trabalho a Ana Flávia de Souza (in memorian), minha eterna amiga.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por até aqui ter me sustentado. Ao professor Paulo Roberto de Almeida, por ter acreditado na realização deste trabalho e por sua disposição em me auxiliar na construção desta monografia.

À minha família (mãe, pai, padrasto, irmãs, filho, avós), que sempre me incentivaram e se tornaram, neste processo, o meu ponto de apoio. Aos meus amigos e amigas, que sempre estiveram comigo em minha caminhada acadêmica, mas, especialmente, à Oneida e a Juliana.

A todos os meus colegas e demais professores do curso de História da Universidade Federal de Uberlândia, que contribuíram sobremaneira para a realização deste trabalho. À Ivone e ao João Batista que, juntos, sempre estiveram atentos aos meus “deslizes” em relação aos prazos para a confecção da monografia, muito obrigada! Ao amigo Tadeu Pereira dos Santos, pelas dicas bibliográficas valiosas que me foram extremamente úteis nos instantes finais desse trabalho..

Em suma, a todos que compartilharam do meu esforço ao longo deste trabalho, contribuindo direta e indiretamente para que ele pudesse se realizar.

RESUMO

O presente trabalho procura discutir, por meio do livro *Os Bruzundangas*, a trajetória intelectual e pessoal do escritor Lima Barreto em finais do século XIX e início do século XX na cidade do Rio de Janeiro. Neste sentido, o trabalho busca articular as experiências vivenciadas por Lima Barreto em meio à conjuntura histórica em que viveu, sua crítica jornalística e literária ao preconceito racial e suas reflexões acerca dos costumes e da cultura brasileira no chamado período da *Belle Époque*. Assim, procuro apreender não apenas os preceitos históricos presentes em *Os Bruzundangas* mas, sobretudo, como o sujeito Lima Barreto se inseriu na discussão que ele mesmo suscitou.

SUMÁRIO

Introdução.....	9
Capítulo 1: Lima Barreto: entre a crônica jornalística e a literatura.....	14
1.1: A trajetória intelectual de Lima Barreto: experiências e vivências no Rio de Janeiro da <i>Belle Époque</i>	15
1.2: Caminhos da crítica literária: entre a ciência e a cultura popular.....	21
1.3: “Mulato” ou “Negro”? A crítica social que se opõe ao preconceito racial.....	27
Capítulo 2: Da utopia à sátira: as ironias de um país “ideal” em <i>Os Bruzundangas</i>	29
2.1: O “real” e o “fictício” entre dois países.....	30
2.2: Entre as instituições e as instâncias: a crítica aos costumes e o jogo político.....	33
2.3 A <i>República da Bruzundanga</i> e o país “ideal” que não sai do papel.....	37
Considerações Finais.....	44
Referências Bibliográficas.....	47

INTRODUÇÃO

Qualquer trabalho historiográfico está sempre circunscrito por dois aspectos relevantes para o historiador: a responsabilidade com a pesquisa e os métodos utilizados em sua execução. O “sentido” da História pode se revelar tanto nas entrelinhas da documentação quanto nas reflexões oriundas das observações realizadas, sejam elas empíricas ou não. Assim, atrelados ao rigor científico e à metodologia acadêmica, podemos apreender um pouco da História e, por vezes, nos divertirmos com ela.

Um trabalho monográfico é sempre cercado dessas nuances. Mas não deixa de ser instigante, ao historiador, prosseguir na caminhada, seguir os “indícios”, adentrar mesmo num mundo onde o passado deixou de ser um apanágio para os pesquisadores “de gabinete”. Ir além do que imaginávamos, *a priori*, já é o primeiro passo em direção ao novo.

Esses aspectos ora apresentados exerceram um papel importante durante o transcorrer da pesquisa e na elaboração da escrita: margeando o terreno da literatura e buscando referenciais na história, procuramos colocar em evidência princípios valorativos que, na esfera de ambas as áreas, compõem um jogo analítico onde o objeto de pesquisa deixa de ser apenas “objeto”. Neste sentido, concordamos com os apontamentos feitos por Maria do Rosário da Cunha Peixoto, quando a referida historiadora observa que:

A literatura, como qualquer linguagem, coloca algumas questões para reflexão: a primeira delas é pensarmos a linguagem literária como instituinte da realidade, sem que haja entre ambas qualquer relação de anterioridade. A segunda é que, em se tratando de um campo atravessado pelas relações de poder, as convenções literárias são padrões de escrita

estabelecidos historicamente, cujo processo de constituição envolve tensões em torno de concepções diferenciadas de história e de literatura.¹

Com Lima Barreto à frente de *Os Bruzundangas*, mergulhamos num período literário da história brasileira (ou seria um período histórico da literatura brasileira?), que pode nos revelar as entrelinhas, em cada de um passado, por vezes, legado ao ostracismo. Assim, o trabalho monográfico ora em questão procura, dentro do possível, fazer uma leitura histórica que não se prenda, unicamente, a análises técnicas concernentes à literatura mas que, ao mesmo tempo, não jogue por terra as reflexões analíticas e conceituais ensejadas pelos estudiosos da literatura no Brasil. Neste sentido, o diálogo por mim intentado com as fontes e a bibliografia se tornou fundamental.

A opção pelo estudo da trajetória pessoal de Lima Barreto e sua conseqüente trajetória literária a partir do livro *Os Bruzundangas* foi provocada pelo meu interesse em apreender e compreender, com um pouco mais de precisão, quais os fatores sociais, culturais e políticos fizeram com que Lima Barreto pudesse despontar, mesmo que de forma marginal, no cenário literário do país. À luz da História, procurei mergulhar na seara literária e tentei perceber quais os aspectos mais relevantes que levaram Barreto a elaborar uma crítica social virulenta, por meio da escrita de *Os Bruzundangas*, à sociedade brasileira do final do século XIX e início do século XX. Neste sentido, procurei analisar o caminho histórico percorrido por Lima Barreto por meio de uma “medicação”², como nos aponta Raymond Williams, entre a experiência do homem e a atividade do escritor, sem, contudo, ensejar uma perspectiva dualista na pesquisa em questão. Em outras palavras, a cultura

¹ PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. E as palavras tem segredos... literatura, utopia e linguagem na escritura de Ana Maria Machado. In: KHOURY, Yara Aun; ALMEIDA, Paulo Roberto de; MACIEL, Laura Antunes (Orgs.). **Outras histórias: memórias e linguagens**. São Paulo: Olho D'Água, 2006. p.158

² WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. p.101-102

ganha espaço privilegiado em minhas análises, na medida em que é por meio dela que procurei entender os “processos ativos”³ presentes nos escritos de Lima Barreto (e, neste caso específico, no livro *Os Bruzundangas*), que pudessem retratar um panorama mais concreto das questões políticas e sociais que envolveram a sociedade brasileira no início do século XX.

Para estabelecermos uma relação comparativa entre a trajetória literária de Lima Barreto e o momento histórico vivenciado pelo país nos idos das décadas de 1910-1920, procurei perceber qual a situação político-institucional pela qual passava o Brasil àquela altura dos acontecimentos. Para tanto, teríamos que ter acesso a uma gama de fontes que, no momento, estão disponíveis na Divisão de Manuscritos da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro.⁴ Entretanto, como não foi possível consultar tais documentos, bem como tatear as fontes jornalísticas citadas no corpo deste trabalho (os jornais *A Lanterna*, *A Quinzena Alegre*, *Correio da Manhã*, *Tagarela*, *Fon-Fon*, *O Diabo* e *Revista da Época*), minha opção metodológica recaiu entre examinar uma parcela bibliográfica que diz respeito às várias facetas da vida e obra de Lima Barreto cotejando, sobretudo, a experiência vivenciada pelo autor e as relações desta com o seu livro *Os Bruzundangas*. Mais do que buscar no referido livro aspectos pertinentes da sociedade brasileira de finais do século XIX e início do século XX, o que procuro articular é a condição de sujeito atuante do escritor Lima Barreto em meio às dificuldades econômicas, culturais e sociais que estiveram presentes em suas investidas pessoais.

³ WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. p.102

⁴ SILVA, Raphael Frederico Acioli Moreira da. **A “moléstia da cor”: a construção da identidade social de Lima Barreto (1881-1922)**. Campinas, SP: Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2002.

O diálogo com alguns autores, entre eles Alfredo Bosi, João Cruz Costa e Antônio Cândido compõe a estrutura narrativa da trama esboçada ao longo do trabalho. Com Bosi, procurei dialogar acerca do papel da literatura no seio da cultura brasileira e suas implicações conceituais e nocionais que pudessem lançar luz sobre a opção estilística de Lima Barreto. Ademais, através dos estudos do referido autor, foi possível colocar em discussão a formação categorias literárias que, vez por outra, encontram-se cristalizadas nos escritos historiográficos sobre o tema.

Por outro lado, o trabalho de João Cruz Costa contribui decisivamente para adentrarmos ao mundo da Monarquia e da República brasileiras, num momento de transição política que acaba se constituindo como mote literário sob a pena de Lima Barreto para a discussão da “sociedade da *Bruzundanga*”. Cruz Costa coloca em evidência os meandros conjunturais que, no âmbito da política institucional, estavam a nortear os desígnios políticos da “nação brasileira”. Entender o processo descrito por Cruz Costa foi fundamental para que fossem expostos “pontos de vista” mais intimistas dos personagens criados por Barreto, num jogo ficção-realidade que acaba esclarecendo alguns aspectos históricos da transição política Monarquia/República ocorrida no Brasil no final do século XIX.

Finalmente, com Antônio Cândido adentrei aos aspectos mais estruturais da escrita de Barreto, procurando entender as correntes literárias que circundavam a sua escrita no início do século XX. Ao enveredarmos por esse caminho, procurei “fugir” da análise mais detida acerca das obras de Lima Barreto como um todo mas, neste caso, apenas apontar a relação existente entre o momento histórico vivido pelo escritor e o seu referido olhar sobre a sociedade do Brasil através de um livro de ficção.

Diante dessas observações, esse estudo acerca de aspectos da vida e obra de Lima Barreto busca lançar outras possibilidades de leitura histórica sobre os escritos do referido autor e a importância destes para o trabalho do historiador. Mergulhando nos escritos de Barreto e na intensidade de sua personalidade, adentrei ao mundo da literatura. Sob a tutela da *Bruzundanga* comecei a desvelar um pouco a história brasileira.

CAPÍTULO 1

LIMA BARRETO: ENTRE A CRÔNICA JORNALÍSTICA E A LITERATURA

1.1 – A trajetória intelectual de Lima Barreto: experiências e vivências no Rio de Janeiro da *Belle Époque*

A emergência de Afonso Henriques de Lima Barreto (1881/1922) nos meios jornalístico e literário brasileiro, traz ao historiador uma possibilidade plausível de entender a relação história/literatura de forma mais ampla. Não obstante as peculiaridades de ambas as áreas de conhecimento estarem mergulhadas em estruturas epistemológicas próprias, a análise histórica e literária dos escritos de Lima Barreto me permite, para além de uma apreensão mais precisa da literatura brasileira do final do século XIX e início do século XX, observar preceitos históricos que fizeram parte do *continuum* literário do referido escritor. Em outras palavras, estudar a trajetória de Lima Barreto na literatura brasileira pode evidenciar um movimento cultural vivenciado pelo escritor em diferentes espaços sócio-culturais (vida pessoal, relação com a imprensa, escritos literários, etc.).

Neste sentido, a “entrada” de Lima Barreto no círculo literário brasileiro deve levar em consideração a emergência da imprensa escrita no país, suas variantes políticas e culturais que, de uma forma ou de outra, acabou abrindo espaço para a escrita de literatos por meio de crônicas e de “novelas” publicadas nos periódicos do período. A partir de outubro de 1907, Lima Barreto vai comandar uma instigante “aventura” no mundo do jornalismo na cidade do Rio de Janeiro ao editar e dirigir a revista *Floreal*.⁵ A capital da

⁵ “Mas um Lima Barreto que ainda não conseguira inscrever seu nome entre os literatos da época e que ainda não tinha um romance sequer publicado.” In: BOTELHO, Denílson. **Letras militantes: história, política e literatura em Lima Barreto**. Campinas, SP: Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2001. p.36

República, neste período, passava por transformações políticas importantes, que influenciariam sobremaneira os modos de vida na sociedade carioca. Segundo Nicolau Sevcenko, o regime republicano trazia em si um “reajustamento social”, que varreria da cena política atores importantes no jogo político nacional:

Assinalando nitidamente um amplo processo de desestabilização e reajustamento social, o advento da ordem republicana foi marcado também por uma série contínua de crises políticas – 1889, 1891, 1893, 1897, 1904. Todas elas foram marcadas por grandes ondas de “deposições”, “degolas”, “exílios”, “deportações”, que atingiram principalmente e em primeiro lugar as elites tradicionais do Império e o seu vasto círculo de clientes; mas tendendo em seguida – sobretudo nos seus dois últimos movimentos – a eliminar também da cena política os grupos comprometidos com os anseios populares mais latentes e envolvidos nas correntes mais fervidas do republicanismo. Opera-se através delas como que uma filtragem dos elementos nefastos ao novo regime, aqueles que pecavam quer por demasiada carência, quer por excesso de ideal republicano.⁶

Nesta análise de Sevcenko, já se pode perceber como a instituição do republicanismo, gerado, sobretudo, no período monárquico, já ceifava de seus quadros de participação política determinados grupos sociais que, na ótica daqueles que “conduziam o novo regime”, não poderiam atrapalhar os propósitos políticos trazidos pelos novos ventos. Situação sócio-política que, do Rio de Janeiro, procurava plasmar o país como um todo e que seria alvo dos escritos de vários cronistas da época, por meio dos jornais e, entre eles, se destacou Lima Barreto.

Entre os anos de 1902 a 1907, Barreto escreveu e/ou trabalhou em alguns periódicos que tiveram vida efêmera na cidade do Rio de Janeiro: *A Lanterna*, *A Quinzena*

⁶ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.36-37

*Alegre, Correio da Manhã, Tagarela, Fon-Fon, O Diabo e Revista da Época*⁷, foram alguns dos periódicos em que a assinatura esteve presente em crônicas e artigos.

Mas é mesmo com o surgimento da revista *Floreal* que Lima Barreto começa a ganhar espaço frente à crítica literária da época.⁸ Dessa forma, seus escritos adquirem notoriedade por meio dos artigos da *Floreal*, fazendo com que o escritor obtivesse um certo respaldo perante os seus pares da imprensa. Contudo, ao “vincular-se” aos meandros do jornalismo, Lima Barreto arregimentou uma forma de escrita que marcaria definitivamente o seu olhar sobre a sociedade brasileira. Segundo Antônio Cândido,

Ao contrário, ficou na meia obscuridade outro escritor de alta tensão crítica, este um verdadeiro inconformado, que se pôs voluntariamente à margem da sociedade dominante, pela repulsa dos seus padrões: Lima Barreto (1881-1922). Contrariando as normas preconizadas, a sua escrita é cursiva e a mais simples possível, buscando o ritmo coloquial, despreocupada da “pureza vernácula”, freqüentemente incorreta, parecendo desafiar intencionalmente a gramática. A sua tendência mais natural era o comentário jornalístico e a apresentação pitoresca de costumes, regidos pelo sarcasmo e dirigidos contra o pedantismo, a falsa ciência, as aparências hipócritas da ideologia oficial. Mas o bloco principal de sua obra é a narrativa, que deixa a impressão de esforço mal realizado, apesar da generosidade das posições.⁹

Assim, Lima Barreto foi construindo um estilo próprio e, ao contrário do que assevera Cândido, “o esforço mal realizado” a que se refere o crítico literário diz respeito muito mais à divulgação dos trabalhos de Barreto do que à contundência de suas missivas

⁷ BOTELHO, Denílson. **Letras militantes: história, política e literatura em Lima Barreto**. Campinas, SP: Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2001. p.41

⁸ “O ano de 1907 foi bom para Lima Barreto principalmente porque ele começa a ser notado. E a *Floreal* deu uma enorme contribuição para que ele começasse a ser notado. (...) Embora tenha tido uma baixa vendagem, seu surgimento foi percebido por ninguém menos que José Veríssimo, um dos críticos literários de maior visibilidade no início do século.” Ibid. p.47

⁹ CÂNDIDO, Antônio. **Iniciação à literatura brasileira: resumo para principiantes**. São Paulo: Humanitas/FFLCH, 1999. p.65

“ficcionais” externadas por meio da literatura. Seu primeiro romance a ser publicado, em 1909, *Recordações do escrивão Isaías Caminha*, mesmo sem obter uma boa tiragem em vendas, acabou lançando Lima Barreto definitivamente nas malhas da literatura:

O romance *Recordações do escrивão Isaías Caminha* marcou inegavelmente o ingresso de Lima Barreto no cenário intelectual brasileiro da época. (...) Narrando a trajetória fracassada do jovem mulato Isaías, que não consegue entrar no mundo das letras – não por ser desprovido de méritos, mas porque devido à cor da sua pele vê-se impedido de mostrar suas qualidades – o escritor coloca em cenas algumas das grandes personalidades da imprensa da época, dirigindo críticas impiedosas a cada uma delas, sem contudo citar seus nomes, visto que surgem camufladas sob pseudônimos.¹⁰

Aqui, já surgem os primeiros traços estilísticos que marcarão a escrita de Lima Barreto. Atento aos desígnios políticos da época e minucioso observador dos costumes da sociedade brasileira, Barreto interpõe, a partir de *Recordações do escrивão Isaías Caminha*, uma leitura crítica da realidade que se transmuta em denúncia, num primeiro momento, e em resistência, num segundo instante. Se há, é certo, um ligeiro caráter de desencanto nos escritos de Lima Barreto, eles não podem ser tomados enquanto uma postura passiva, uma descrença do autor em relação aos “destinos” do país, fato que pode ser observado numa leitura rápida de *Os Bruzundangas*.

Com efeito, antes de darmos prosseguimento às nossas análises, devemos colocar em evidência a conceituação de “literatura de resistência” que, por vezes, é atribuída aos escritos de Lima Barreto. Segundo Alfredo Bosi,

¹⁰ BOTELHO, Denílson. **Letras militantes: história, política e literatura em Lima Barreto**. Campinas, SP: Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2001. p.71

O termo Resistência e suas aproximações com os termos “cultura”, “arte”, “narrativa” foram pensados e formulados no período que corre, aproximadamente, entre 1930 e 1950, quando numerosos intelectuais se engajaram no combate ao fascismo, ao nazismo e às suas formas aparentadas, o franquismo e o salazarismo.¹¹

Aqui, a própria temporalidade cronológica desqualificaria, a princípio, uma interpretação que tomasse os escritos de Lima Barreto enquanto “escritos de resistência”, na medida em que, por exemplo, *Os Bruzundangas* começou a ser publicado em 1917 por meio do semanário ABC.¹² Todavia, a resistência literária antevista no referido trabalho de Barreto diz respeito muito mais à maneira do escritor narrar uma história do que à cronologia histórica propriamente dita. Em outras palavras, Lima Barreto enseja, com *Os Bruzundangas*, uma perspectiva de sátira social que tem como mote a sociedade brasileira na passagem do regime monárquico ao regime republicano. Neste sentido, a “resistência” impetrada pelo autor escapa tão somente a uma “cultura política da resistência” que, quase sempre, está atrelada a processos ideológicos. Aqui importa mais, como nos lembra Bosi,

(...) detectar em certas obras, escritas independentemente de qualquer cultura política militante, uma tensão interna que as faz resistentes, enquanto escrita, e não só, ou não principalmente, enquanto tema.¹³

Mais uma vez, as implicações sócio-históricas que envolvem a escrita do autor passam a compor o quadro mesmo de sua escrita e, neste aspecto, considero importante salientar para a proeminência da experiência de Lima Barreto diante das transformações

¹¹ BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p.125

¹² BARRETO, Lima. *Os Bruzundangas*. Porto Alegre: L&PM, 1998.p.01

¹³ BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p.129

sociais e culturais que assolavam o período chamado *belle époque* no Brasil.¹⁴ A crítica social que Lima Barreto encerra, tanto nos jornais quanto em alguns de seus livros, encontra eco na contradição presente entre um “Brasil oficial” e um “Brasil real”:

O romancista considerava que o Brasil oficial, veiculado na imprensa e na literatura, convertera-se em um mero discurso forjado pela retórica, sendo responsável pelo falseamento da realidade. No quadro geral do país, o povo era exilado nos morros devido à miséria, o proletariado surgia sob o signo da revolta social, os negros alforriados e excluídos lutavam pela sobrevivência.¹⁵

Assim, o olhar de Lima Barreto se revela em seus escritos de forma latente, colocando em evidência tanto um tipo de literatura que se fazia à época quanto a um “tipo” de sociedade que, se querendo transformadora, mimetizava os costumes europeus, seja nas reformas urbanas impetradas no Rio de Janeiro por Pereira Passos em 1904 (sob o signo arquitetônico da Paris de Haussmann), seja por meio da estilização literária de um Olavo Bilac ou de um Coelho Neto. Em se tratando de Lima Barreto, levo em consideração a origem humilde do autor¹⁶ para tentar apreender a dimensão histórica de sua escrita e a conseqüente imersão do Brasil por meio de seu “olhar” literário.

¹⁴ Segundo Alfredo Bosi, “A escrita resistente (aquela operação que escolherá afinal temas, situações, personagens) decorre de um a priori ético, um sentimento do bem e do mal, uma intuição do verdadeiro e do falso, que já se pôs em tensão com o estilo e a mentalidade dominantes.” Ibid. p.130. Na esteira do que afirma Bosi, Elisabeth Gonzaga de Lima assevera: “Leitor voraz de nossa tradição literária, Lima Barreto nutria acirrada resistência contra a retórica e suas formas de falseamento da realidade. A sinceridade expressa em sua obra seria um dos ingredientes primordiais em seu esquema de representação do real, solução que indica a escolha pelo realismo crítico, uma trilha que vinha na contramão do discurso estético do momento.” In: LIMA, Elisabeth Gonzaga de. **Avesso de utopias: Os Bruzundangas e aventuras do doutor Bogóloff**. Campinas, SP: Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 2001. p.22

¹⁵ Ibid., p.13

¹⁶ “Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu no Rio de Janeiro em 1881. Mulato de origem humilde, não conseguiu concluir o curso de engenharia na Escola Politécnica. A morte prematura da mãe e a loucura do pai

1.2 – Pelos caminhos da crítica literária: entre a ciência e a cultura popular

Com efeito, Lima Barreto esteve ligado ao Positivismo propagado pelos escritos de Augusto Comte e que se espalhava pelos círculos literários e intelectuais no Rio de Janeiro da Primeira República. Aceitando, num primeiro momento, as idéias de Comte, “(...) nas prédicas dominicais de Teixeira Mendes, na Igreja Positivista”¹⁷, Barreto coloca em evidência nos seus escritos uma preocupação “humanitária cosmopolita”¹⁸ que tomaria logo novas feições diante das tensões sociais que assomavam o Rio de Janeiro no início do século XX. Todavia, Barreto não aderiu àquele “cosmopolitismo” visível na elite social carioca à época, afeito aos gostos e costumes europeus de forma incondicional. Para o autor, o caminho a ser seguido deveria ser outro quando fosse necessário buscar uma nacionalidade genuína:

(...) somente a descoberta e o desenvolvimento de uma originalidade nacional daria condições aos país de compartilhar, em igualdade de condições, de uma regime de equiparação universal das sociedades, envolvendo assimilações recíprocas.¹⁹

Num período histórico que viu florescer de forma acentuada discussões políticas em torno de elementos tão díspares como ciência, raça e civilização, Lima Barreto se fez

fizeram o futuro autor ingressar por concurso em 1903 na Secretaria (Ministério) da Guerra, a fim de sustentar a família.” In: BARRETO, Lima. **Os Bruzundangas**. Porto Alegre: L&PM, 1998. p.01

¹⁷ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.142

¹⁸ Ibid. p.142

¹⁹ Ibid. p.144

presente ao colocar em debate a proeminência ou a irrelevância de tais aspectos. Para Barreto, a ciência seria apenas “fonte de preconceitos e superstições”²⁰, que acabaria ganhando maiores contornos quando os embates intelectuais se direcionavam ao conceito de raça. Aqui, Barreto se coloca em contraposição ao tal conceito de raça que, de certa forma, animava concepções científicas advindas da Europa. Sua própria condição de “mulato”, como assim gostava de se definir, já indicava sua recusa em relação às teorias racistas que vinham do outro lado do Atlântico.²¹

O contato e o trato de Lima Barreto com os registros da cultura oral popular, procurando suas raízes e funções dentro dos próprios grupos dos quais emergia, fez de Barreto um crítico do cientificismo que adornava o ideal positivista. Assim, Barreto passou a ser um crítico contumaz do modelo de ensino superior advindo das perspectivas de Comte. O autor brasileiro,

(...) deplorava a própria instituição do ensino acadêmico. Para ele, a elite aí formada passava, por definição, a constituir uma casta privilegiada, que usufruía espuriamente dos cargos dirigentes do país; eram os seus “mandarins”.²²

Tal crítica feita por Barreto já pode ser vista em *Os Bruzundangas*, onde o advento do regime republicano naquele país é cotejado pelo autor por meio da ironia e do sarcasmo. Essa aversão de Barreto ao ideal republicano pode ter ligação com a Proclamação da

²⁰ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.146

²¹ Segundo Nicolau Sevcenko, “E esse era um dado que Lima Barreto, mulato, vivendo em meio de mulatos e negros, e identificado com esse lado de sua herança, não poderia admitir.” Ibid., p.147

²² Ibid., p.149

República no Brasil pois, para Barreto, a República instaurada nos trópicos só lhe trouxe dissabores:

(...) para Lima Barreto, desde a exoneração do pai do seu emprego público, logo nos dias que se seguiram ao desfile de Deodoro, ela [a República] só lhe trouxera uma série de desgraças familiares e pessoais. E o autor nunca ocultou o seu profundo desgosto com a nova ordem, que considerava como a fonte de todos os infortúnios que acometiam a nação.²³

Na esteira do que aponta Alfredo Bosi, entendo que os escritos de Lima Barreto ensinam não apenas a sua condição social mas, também, a “tensão *eu/mundo*” que, neste caso, se expressa via literatura:

Chega um momento em que a tensão eu/mundo se exprime mediante uma perspectiva crítica, imanente à escrita, o que torna o romance não mais uma variante literária da rotina social, mas o seu avesso: (...) O romance “imitaria” a vida, sim, mas qual vida? Aquela cujo sentido dramático escapa a homens e mulheres entorpecidos ou automatizados por seus hábitos cotidianos. A vida como objeto de busca e construção, e não a vida como encadeamento de tempos vazios e inertes.²⁴

Lima Barreto elabora os seus escritos no âmbito dessas tensões: sociais, literárias, culturais, políticas... e engendra uma perspectiva crítica que se espalha entre a sua experiência pessoal e o todo social na qual ele está inserido. O autor buscava, por meio de uma linguagem simples, chegar com mais objetividade ao público leitor, evitando uma escrita “pomposa” e adepta de fórmulas mirabolantes. Segundo Elisabeth Gonzaga de

²³ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.149

²⁴ BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p.130

Lima, Barreto teria sido influenciado por uma tríade de pensadores franceses do século XIX²⁵, pelo quais podemos delinear, minimamente, traços substanciais que marcaram a narrativa literária do escritor brasileiro:

De Taine, tomou a recorrente idéia da arte como expressão superior aos próprios fatos; de Brunetière, a concepção solidária da arte, em que a forma torna-se exteriorização imprescindível à compreensão dos destinos humanos; de Guyau, recolheu uma utopia humanista-espiritualista; a arte literária como revelação mútua de almas. Tais escritores tornaram-se fundamentais para o esquema ficcional do romancista, o que manifesta sua completa adesão a uma literatura que cumpria uma função útil, sobretudo preocupada em tornar-se elo para a harmonia entre os homens.²⁶

Lima Barreto opta por trilhar um caminho literário que, ora afrontando as convenções literárias da época, ora colocando em questão a sociedade brasileira do período, acaba por buscar uma literatura que objetivasse não apenas a solidariedade entre os homens, mas ser *sincera* em todas as suas instâncias, trazendo às letras a marca de seu tempo. Segundo Antônio Cândido,

Para Lima Barreto a literatura devia ter alguns requisitos indispensáveis. Antes de mais nada, ser sincera, isto é, transmitir diretamente o sentimento e as idéias do escritor, da maneira mais clara e simples possível. Devia também dar destaque aos problemas humanos em geral e aos sociais em particular, focalizando os que são fermento de drama, desajustamento, incompreensão. Isto, por que no seu modo de entender

²⁵ “Ao longo de sua carreira literária, Lima Barreto demonstrou sua filiação incondicional aos pensadores franceses do século XIX, Taine, Brunetière e Guyau. Desses teóricos, o romancista recolheu os conceitos essenciais mais adequados aos seus postulados literários.” In: LIMA, Elisabeth Gonzaga de. **Aveso de utopias: Os Bruzundangas e aventuras do doutor Bogóloff**. Campinas, SP: Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 2001. p.18

²⁶ Ibid.

ela tem a missão de contribuir para libertar o homem e melhorar a sua convivência.²⁷

Tais investidas de Lima Barreto não passariam incólumes perante a crítica literária da época. O referido autor fora muitas vezes criticado por ter uma escrita considerada “relapsa”, pouco formal, em total desacordo com as estilizações literárias do período. Segundo Jean Pierre Chauvin,

Muitos [críticos] estiveram mais preocupados com a forma, incluídos aí os cuidados com a linguagem e a correção gramatical, o que os levava a esquecer o alvo (a obra) e, muitas vezes, a pertinência dos temas ou mesmo a habilidade do escritor. Por muito tempo, foi uma tentação para a crítica literária priorizar, em suas análises, o fato de Lima ser também dono de certo azedume – o que acabou se confirmando numa das marcas de sua personalidade, já estereotipada, mesmo porque *o homem* Lima tinha perdido lugar para o *esteta*.²⁸ [Grifo meu]

Diante do que foi até aqui exposto, cabe-nos problematizar em que medida Lima Barreto tornou-se, durante o advento da *belle époque*, um escritor reconhecido entre seus pares. Ademais, importa-nos saber até que ponto essa “inserção” de Barreto no cenário literário do país esteve em concomitância com os interesses de estudos acadêmicos que procuraram revisitar a obra do referido autor, entrelaçando, dessa forma, quais os elementos estéticos - literários (ambientados nos planos interno e externo da “figura do escritor”), que foram decisivos para a afirmação literária de Lima Barreto.

²⁷ CÂNDIDO, Antônio. *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 2000. p.39

²⁸ CHAUVIN, Jean Pierre. *O poder pelo avesso: mandonismo, dominação e impotência em três episódios da literatura brasileira*. São Paulo: Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2006. p.90

Entretanto, se podemos seguir as “pistas literárias” deixadas por Lima Barreto com seus escritos para, em certa medida, compreendermos não apenas a sua trajetória intelectual mas, sobretudo, uma conjuntura de época, tal processo se dá num movimento em que precisamos apreender as nuances pelas quais o escritor passou para se “auto-afirmar” entre os seus pares. Assim, a “união” entre a vida pessoal e a prática literária ganha espaço e consistência em Lima Barreto quanto partimos para um campo sinuoso e complexo vivenciado na experiência do homem/autor: a questão de ele ser negro. Por ter nascido em 1881, Barreto presenciou, quando criança, o processo “abolicionista” com suas idas e vindas históricas, numa relação marcada pela passagem de uma sociedade calcada na escravidão a outra, talhada a partir de então pelo trabalhador assalariado e os demais interesses do capitalismo. Dessa forma,

(...) sua inserção no mundo literário e intelectual do Rio de Janeiro da virada do século XIX para o XX pode ser definida por um profundo questionamento diante da sociedade em mudança: qual o preciso espaço social reservado aos negros e mulatos na nova ordem e a delimitação do papel destes na imagem da nacionalidade brasileira, que se configura no choque entre os vários grupos sociais em interação.²⁹

²⁹ SILVA, Raphael Frederico Acioli Moreira da. **A “moléstia da cor”: a construção da identidade social de Lima Barreto (1881-1922)**. Campinas, SP: Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2002. p.21

1.3 – “Mulato” ou “Negro”? A crítica social que se opõe ao preconceito racial

Lima Barreto coloca em questão o “papel” do negro no Brasil por meio de seu livro *Recordações do escrivão Isaías Caminha*³⁰, fazendo da ficção literária uma fixação crítica contra o preconceito racial que cercava os negros do país. A construção de sua identidade, ligada sobretudo aos aspectos sócio-culturais que marcam a presença do negro no Brasil fez com que Lima Barreto fosse levado a transitar, quase sempre, em meio a um imaginário social que hora apresentava os negros como “(...) bestas de carga, simples animais” ou “(...) máquinas de prazer, criaturas de sensualidade exacerbada”³¹ que, comumente, cercavam o imaginário social da sociedade do Rio de Janeiro no limiar da Primeira República.

Percebo que, nesse percurso literário adotado por Lima Barreto, o aspecto racial relativo à condição “humana” dos negros foi sensivelmente abordado pelo autor, pois ele enfrentou esta situação de degradação da imagem do negro tanto no campo pessoal quanto literário. Enfrentando o estigma das imagens negativas, na condição de negro, Barreto vivencia uma experiência que, aliada ao fazer literário, o possibilita cotejar a história por

³⁰ Segundo Raphael F. A. Moreira Silva, “o livro, publicado em 1909, constitui um dos mais explícitos libelos contra o preconceito racial no Brasil e representou para seu autor, (...), a estréia na carreira literária e o início de suas várias atribulações no decorrer dela. Ao retratar com impressionante senso crítico os meios jornalísticos e intelectuais da então capital do país, a partir de um jovem interiorano em sua luta pela sobrevivência num ambiente profundamente conflituoso e o seu conseqüente processo de amadurecimento, o autor tratou uma série de aspectos polêmicos e questões não resolvidas na formação histórica do Brasil que remetem à experiência traumática da escravização de milhões de africanos ao longo de quase cinco séculos.” In: SILVA, Raphael Frederico Acioli Moreira da. **A “moléstia da cor”: a construção da identidade social de Lima Barreto (1881-1922)**. Campinas, SP: Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2002. p.26

³¹ Ibid., p.27

meio da literatura de forma peculiar. Se outros aspectos da sociedade em que viveu são abordados em *Os Bruzundangas*, estes também guardam alguma relação com a trajetória de preconceito racial que cercou os escritos de Barreto e sua conseqüente “marginalização” dos círculos literários mais “elevados” por quase todo o período em que viveu. Suas experiências pessoais se mesclam com a literatura com o intuito de exercer um papel significativo naquela sociedade. E diante desse quadro, Lima Barreto intentou uma crítica social mais severa, desferindo um arsenal de sátiras e ironias que iriam compor *Os Bruzundangas*. A crítica dos costumes não poderia ter encontrado, em Barreto, sujeito mais afeito a tal empreitada.

CAPÍTULO 2

DA UTOPIA À SÁTIRA: AS IRONIAS DE UM “PAÍS IDEAL” EM *OS BRUZUNDANGAS*

2.1 – O “real” e o “fictício” entre dois países

Os percalços políticos que se seguiram à instauração do regime republicano no Brasil, a partir de 1889, deixaram marcas decisivas na cultura do país.³² Em suas variadas manifestações, pode-se perceber na vasta historiografia que recobre o período de “passagem” da Monarquia à República, diferentes olhares sobre as condições sócio-históricas do país à época. Não é sem medida, portanto, que alguns escritores contemporâneos de tais transformações na sociedade brasileira, tenham se manifestado de forma veemente.

A *Bruzundanga*, “país fictício” criado pelo escritor Lima Barreto (1881-1922), surge, neste sentido, no horizonte de uma crítica social que, dos costumes às instituições políticas, procura, por meio da ironia³³, “gritar” contra todo um estado de coisas que já faziam do Brasil um país de desigualdades sociais evidentes. Na esteira das mudanças políticas que teriam por missão “enterrar” o regime monárquico, a *Bruzundanga*, paródia bem-humorada do Brasil, traz em si os vícios de uma estrutura sócio-política, que insiste em procurar se ausentar da real situação do país em questão.

Utilizando uma linguagem que procura retratar com fidelidade os acontecimentos do período histórico que vivenciou, Lima Barreto procura tatear, por meio da escrita,

³² Segundo João Cruz Costa, “Já então essa sociedade apresentava alguns sinais de mudança que a diferenciavam da sociedade da primeira metade do século XIX. Todavia, a classe constituída pelos senhores de terras e de escravos, quase todos titulares da monarquia – os *barões* do Império que antecedem os *coronéis* da República – era ainda dominante e absoluta.” COSTA, João Cruz. **Pequena história da República**. São Paulo: Brasiliense, 3ª edição, 1989. p.14

³³ “A consciência de que o país vivia em dois planos, um quimérico, da retórica utópica, e outro real, de uma sociedade em crise, fomentou um dos mais férteis motivos literários na produção de Lima Barreto: a inadequação, vista como consequência imediata do antagonismo entre o ideal e o real, e que encontra sua melhor tradução na *ironia*.”[Grifo meu] In: LIMA, Elisabeth Gonzaga de. **Avesso de utopias: Os Bruzundangas e aventuras do doutor Bogóloff**. Campinas, SP: Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 2001. p.14

aspectos da realidade brasileira que escapam aos “floreios” literários presentes nas obras de outros autores contemporâneos seus.³⁴ Neste sentido, quando narra as suas andanças pela *República da Bruzundanga*, Barreto passa ao leitor a impressão de observar uma realidade que não é estranha, uma vez que as descrições feitas pelo “cronista/viajante” encontram-se entremeadas de fatos e acontecimentos que em muito se assemelham ao cotidiano do Brasil. O diálogo que o autor propõe estabelecer com o “real”, por meio da ficção, se materializa de forma latente nos registros que ele faz dos aspectos do dia-a-dia de milhares de sujeitos:

O real assim construído perderia o aspecto frio e insensível que a rotina do cotidiano lhe assinala, provocando a anuência indiferente dos indivíduos, para mostrar-se em toda a crueza da sua nudez repentina. Com esse método contundente, o autor podia transmitir direta e rapidamente aos seus leitores a sua concepção e o seu sentimento relativo aos eventos que o circundavam. (...) A função crítica, combatente e ativista ressalta por demais evidente dos textos de Lima Barreto.³⁵

A *Bruzundanga* surge aqui como uma contraposição crítica do autor a todo o mosaico cultural que cercava o chamado período da *Belle Époque* no Brasil. A impositação que se observa nas classes dominantes do país fictício, seu desprezo aos demais grupos sociais e sua luta intensa pela manutenção de um determinado *status quo*, parece se refletir na literatura da *Bruzundanga*. Os floreios literários do período, quase sempre enquadrados em correntes literárias (romantismo, parnasianismo, etc.), caminham em direção oposta aos costumes culturais do país (aspecto também percebido no Brasil do período). Em terras brasileiras, a influência da literatura européia sobre as letras “nacionais” se mescla com as intenções das classes dominantes locais em seguir um “modelo” cultural que tem na figura

³⁴ “Verifica-se nele o mesmo anseio de revelar em seus textos um retrato maciço e condensado do presente, carregado do máximo de registros e notações dos vários níveis em que o saber do seu tempo permitia captar e compreender o real.” In: SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.190

³⁵ Ibid., p.191

do “bacharel” seu ponto de chegada.³⁶ Se há todo um quadro cultural na *Bruzundanga* ensejado por atividades folclóricas (literatura oral e popular de cânticos, hinos, modinhas, fábulas, etc.), elas não dizem respeito, porém, ao olhar dos poetas da *Bruzundanga*, que o “cronista viajante” Lima Barreto chama ironicamente de “samoiedas”. Uma sociedade de “aparências” emerge das páginas dos samoiedas e, com ela, sucumbem todas as contradições sociais que não escapam à observação do historiador mais atento.

Os poetas samoiedas criam uma estética descolada da realidade da *Bruzundanga*, onde um jogo de espelhos, recitado em prosa e verso, deve se sobrepor às variadas interpretações possíveis do cotidiano. Aqui, estilo e forma literária trabalham no âmbito da afirmação de uma ilusão de escrita e de país.

Com a crítica à literatura da *Bruzundanga*, o autor faz menção à literatura brasileira da época. Assim, por meio da *Bruzundanga*, se desvelam memórias que pareciam, de fato, adormecidas na poética brasileira do período. A opressão social, na qual estavam mergulhadas ambas as sociedades (brasileira e “bruzundanguense”) não se concretiza nas páginas dos literatos brasileiros ou dos samoiedas. Têm-se a impressão de que, na escrita literária e suas diferentes concepções de país e sociedade, tanto lá quanto aqui, há pouco interesse em se mostrar as mazelas sociais do país e o sofrimento do povo. Ora, mas um país não vive apenas dos arroubos literários de seus poetas. A política (e todas as suas variáveis), encontram lugar de destaque no corpo social e demarca, com frequência, o território de disputas pelo poder entre determinados grupos elitistas e os demais segmentos da população.

³⁶ “(...) os grandes fazendeiros, ciosos da hegemonia política, despachavam os filhos para os bancos e exames das Faculdades de Direito de Recife e São Paulo. Ali, eles se adestravam em prélios oratórios, cultivavam os dotes poéticos, exacerbando a imaginação já exaustivamente exacerbada pelos sóis tropicais. Esses eram os futuros dirigentes, nascidos no latifúndio e esquecidos do espírito da terra pela atração empolgante das cortes européias.” ROSA, Virgínio Santa. *O sentimento do Tenentismo*. Rio de Janeiro, 1933, p.14-15. In: COSTA, João Cruz. *Pequena história da República*. São Paulo: Brasiliense, 3ª edição, 1989. p.14

2.2 – Entre as instituições e as instâncias: a crítica aos costumes e ao jogo político

Dessa forma, as instâncias institucionais brasileiras, na ótica de Lima Barreto, o Estado brasileiro e seus sucessivos governos, mergulham num jogo de interesses que, via de regra, procura privilegiar apenas alguns setores da sociedade. A *Bruzundanga* surge, portanto, enquanto um contraponto crítico do autor para que se possa refletir sobre os destinos daquela sociedade, com seus vícios e virtudes.

Se a política se movimenta conforme interesses díspares, outros ramos sociais (como a economia), também adentram a esse espaço de conflitos com características singulares. Na *Bruzundanga*, o financista Ben Karpatoso aparece no horizonte econômico do país em detrimento aos reais interesses da população. Sem levar em conta as características da sociedade bruzundangunese, Karpatoso se reveste de uma utopia que vê a população como mero “fantoche político”, uma massa populacional ignorante que deve, segundo o referido financista, se submeter a todos os sacrifícios possíveis em benefício do “futuro da nação”. Aqui, entendemos que há uma referência histórica a Rui Barbosa e aos seus métodos políticos adotados quando o mesmo fora o responsável pelas finanças do Brasil após o advento da República. Segundo Cruz Costa:

A primeira crise do novo governo seria devido à reforma financeira elaborada por Rui Barbosa. Essa reforma continuava, aliás, a linha que pouco antes havia sido seguida pela monarquia. Ela era algo mais ou menos semelhante ao que se fizera nos Estados Unidos ao tempo de Lincoln, com os *National Banks*: substituía-se o lastro-ouro pelos títulos de dívida federal como lastro de emissões bancárias.³⁷

³⁷ COSTA, João Cruz. **Pequena história da República**. São Paulo: Brasiliense, 3ª edição, 1989. p.52

Entretanto, mais do que fazer referência a Rui Barbosa (e “denunciar” uma realidade econômica exaurida), o autor realiza um paralelo crítico entre o “país real” (Brasil) e o “país fictício” (Estados Unidos da Bruzundanga). À luz dos desmandos das elites intelectuais da *Bruzundanga*, se soma uma certa passividade do povo que, alijado dos projetos políticos, parece crer nos desígnios impostos pelos ilustrados. Assim, se constitui a nobreza da *Bruzundanga*, grupo social dividido em dois “tipos” que se vê enquanto “condutor intelectual” da nação:

A nobreza da Bruzundanga se divide em dois grandes ramos. Talqualmente (sic) como na França de outros tempo, em que havia a nobreza de Toga e a de Espada, na Bruzundanga existe a nobreza doutoral e uma outra que, por falta de nome mais adequado, eu chamarei de palpite.³⁸

Aqui, entram em cena não apenas o aspecto *bacharelesco* a cercar a nobreza do país, mas, também, um viés doutoral que, remetendo aos “anéis” dos médicos, aponta para os benefícios sócio-políticos desfrutados por essa “nobreza” em relação ao restante da população. Entretanto, há também na *Bruzundanga* uma outra “nobreza” ou, quem sabe, um outro grupo social que deseja fazer parte da “nobreza”: trata-se de um grupo sócio-econômico que, possuidor de bens materiais, se preocupa em validar o seu “sobrenome”, objetiva obter títulos nobiliárquicos por meio de seu trabalho, com o suor derramado pelo labor diário busca a ascensão social.

Na transição da Monarquia para a República, no caso brasileiro, há uma analogia em relação ao quadro acima exposto na sociedade da *Bruzundanga*. Com efeito, em relação ao Brasil, Nicolau Sevcenko assevera que,

³⁸ BARRETO, Lima. *Os Bruzundangas*. Porto Alegre: L&PM, 1998. p.49

No decorrer do processo de mudança política, os cargos rendosos e decisórios – antigos e novos – passaram rapidamente para as mãos desses grupos recém-chegados à distinção social, premiados com as ondas sucessivas e fartas de “nomeações”, “indenizações”, “concessões”, “garantias”, “subvenções”, “favores”, “privilégios” e “proteções” do novo governo. O revezamento das elites foi acompanhado pela elevação do novo modelo do burguês argentário como o padrão vigente do prestígio social. (...) Era a consagração olímpica do arrivismo agressivo sobre o pretexto da democracia e o triunfo da corrupção destemperada em nome da igualdade de oportunidades.³⁹

Além das contradições até aqui apontadas, Lima Barreto observa que a *Bruzundanga* é um país rico em que a maioria da população vive na miséria. Num panorama de desalento, o povo acusa os políticos pelos infortúnios econômicos do país, mas, ainda assim, essas vozes populares parecem não encontrar eco nos círculos do poder político.⁴⁰ Há, também, no país “imaginário” de Lima Barreto, toda uma arquitetura cultural em que as ordens religiosas (principalmente o catolicismo) definem regras sociais (como o casamento arranjado), influem no código civil (impedindo o divórcio entre casais, por exemplo) e espalham um singular torpor religioso ante a população quando se trata de se analisar as reivindicações populares. Neste ambiente social, não fica difícil prever que, nas instituições políticas, as relações interpessoais também se sobreponham a valores e normas sociais aceitas pela coletividade. O nepotismo grassa entre os políticos da *Bruzundanga* e, neste sentido, há uma denúncia explícita, uma analogia crítica em relação à postura dos políticos brasileiros do período em questão; postura esta que advém desde os tempos do regime monárquico, evidenciando, por meio da história, que a temporalidade linear dos

³⁹ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.38

⁴⁰ “Os que formam diretamente a grande sociedade são os médicos ricos, os advogados afreguesados, os tabeliões, os políticos, os altos funcionários e os acumuladores de empregos públicos.” In: BARRETO, Lima. **Os Bruzundangas**. Porto Alegre: L&PM, 1998. p.125

registros históricos (leitura positivista da história), sucumbe diante das diatribes sociais que se interpõem pela experiência dos homens em sociedade. Os ministros do fictício país estão ligados à estrutura do latifúndio, perpetuando um jogo de poder político que passa pela tentativa de descaracterização dos costumes das classes economicamente menos favorecidas.

As eleições fraudulentas apontam, naquele país, para a fragilidade das instituições e as seus respectivos “usos”, dentro de uma lógica política que vê o “compadrio” como algo natural, inerente ao próprio sistema político do país. Assim, não é de se espantar quando o “cronista/viajante” Barreto coloca em evidência a burocracia das Forças Armadas da *Bruzundanga*, o preconceito contra os negros dentro da Marinha, sua fragilidade enquanto instituição pública a serviço do país.

Ademais, percebo que, muito mais do que apontar para as similitudes políticas existentes entre o Brasil e a *Bruzundanga*, Lima Barreto evidencia os eventos políticos importantes, mostrando que entre o regime monárquico e o regime republicano, não houve, no caso brasileiro, mudanças bruscas no que tange à hierarquia político-econômica do país. Assim, Cruz Costa salienta que, em relação à Proclamação da República no Brasil:

O novo regime foi (...) mais uma transformação de cúpula; foi o resultado de uma composição da burguesia com uma parte da plutocracia rural – foi, em suma ascensão de um governo burguês oligárquico.⁴¹

O pouco interesse que tal transição política despertou entre a população brasileira parece ter se transmutado à *Bruzundanga*, a ponto do “cronista viajante” Barreto asseverar: “A República dos Estados Unidos da Bruzundanga tem o governo que merece.”⁴²

⁴¹ COSTA, João Cruz. **Pequena história da República**. São Paulo: Brasiliense, 3ª edição, 1989. p.48

2.3 – A República da Bruzundanga e o país “ideal” que não sai do papel

As riquezas da *Bruzundanga* são tantas que poderiam levar ao visitante mais recente a acreditar que acabara de chegar ao “paraíso terrestre”, assevera o narrador: minérios, minerais, ouro... são tantas as riquezas que a *Bruzundanga* ostenta que chega a ser improvável que o país esteja sempre cercado por problemas econômicos. Com efeito, essa idéia de “paraíso terrestre” nos remete a uma utopia que, na escrita de Lima Barreto, se reveste de ironia e sarcasmo quando se trata de retratar o quadro sócio-histórico da *Bruzundanga*. Mesmo assim, há uma referência implícita do escritor brasileiro à *Utopia* de Thomas Morus, ainda que tal “citação” esteja, na *Bruzundanga*, muito mais afeita à constituição do país enquanto uma nação do que à chegada a um tipo de vida idealizado, como Morus aponta em sua obra. Maria do Rosário da Cunha Peixoto observa que,

Em *Utopia* (1516), ser feliz para sempre, sonho de muitos, supõe a existência de um espaço-tempo sem qualquer espécie de tensão e que se reproduz indefinidamente. Diferentemente dos contos de fada – que têm na felicidade para sempre seu ponto final, e que dessa forma se desembaraçam da incumbência de “construir” tal paraíso, de explicar-lhe o funcionamento e torná-lo “realidade”, ainda que ficcionalmente – Morus se aplica à tarefa de descrever minuciosamente o processo de fundação e preservação da Ilha Utopia.⁴³

Ora, o “paraíso terrestre” antevisto por Lima Barreto está envolvido, na crítica do autor/narrador, por um processo histórico de degradação dos costumes e dos valores sociais

⁴² BARRETO, Lima. **Os Bruzundangas**. Porto Alegre: L&PM, 1998. p.68

⁴³ PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. E as palavras tem segredos... literatura, utopia e linguagem na escritura de Ana Maria Machado. In: KHOURY, Yara Aun; ALMEIDA, Paulo Roberto de; MACIEL, Laura Antunes (Orgs.). **Outras histórias: memórias e linguagens**. São Paulo: Olho D'Água, 2006. p.162

que, quase sempre, levam a o país fictício à bancarrota moral e política. Neste sentido, a “utopia” de Barreto se reveste na necessidade da denúncia deste estado de coisas e, ao contrário do que propõe Morus, Barreto procura, aos desvelar os problemas sociais da *Bruzundanga*, reavivar uma sociedade no âmbito mesmo da história. O “estado de pureza” proposto por Morus na *Utopia* não encontra lastro conceitual nas observações que Barreto faz da *Bruzundanga* pois, no país imaginário dos samoiedas, a utopia já ficou para trás... o que lhes cabe, a partir da ótica de Barreto, é uma possível reestruturação das relações sociais em prol da população do país.

Mas, deixando de lado a idéia do “paraíso terrestre”, o autor/narrador observa que, nas entranhas econômicas da nação, corre um outro produto, definidor de lances políticos e jogadas financeiras: o café, “(...) maior ‘mordedor’ das finanças da Bruzundanga.”⁴⁴ Em seu entorno, a produção cafeeira estabelece domínios e hierarquias que, na sociedade da *Bruzundanga*, define o jogo do poder político: “o café, ou antes, a cultura do café é a base da oligarquia política que domina a nação.”⁴⁵

⁴⁴ BARRETO, Lima. *Os Bruzundangas*. Porto Alegre: L&PM, 1998. p.68. Neste sentido, é interessante a análise que Suely Robles de Queiroz faz sobre o período em questão quando se trata do caso brasileiro: “(...) a orientação do capitalismo internacional em sua fase monopolista exige a crescente inserção do Brasil na ordem externa como produtor de matérias-primas, beneficiando a fração de classe detentora das áreas cafeeiras mais produtivas. Determina ainda a modernização que ocorre nas últimas décadas do Império, na qual a desagregação das relações escravistas de trabalho, o aumento da urbanização, o conseqüente alargamento do aparelho burocrático estimulam a diversificação e o aparecimento de novas categorias sociais urbanas.” In: QUEIROZ, Suely Robles Reis de. *Os radicais da República; jacobinismo: ideologia e ação (1893-1897)*. São Paulo: Brasiliense, 1986. p.11

⁴⁵ BARRETO, Lima. *Os Bruzundangas*. Porto Alegre: L&PM, 1998. p.71. No Brasil, segundo Cruz Costa, “consolidada a República, as oligarquias afastaram os militares do poder, reocupando o novo aparelho do Estado. Esta reocupação constituiria o período da Segunda República, chamada a da *ordem civil* ou, mais propriamente, a do *reinado do café* (...)” In: COSTA, João Cruz. *Pequena história da República*. São Paulo: Brasiliense, 3ª edição, 1989. p.69

Mas, se o café⁴⁶ chegou aos *status* de estrela maior da economia da *Bruzundanga*, ele foi precedido, também, por outros “produtos” que em épocas passadas fizeram girar a roda econômica da nação. Cana-de-açúcar, ouro e, posteriormente, a borracha, foram capazes de movimentar as finanças do país fictício durante um período considerável de sua história econômica. E, neste sentido, o autor/narrador observa como tais práticas econômicas, baseadas no sistema de “ciclos” foi prejudicial não apenas à economia da *Bruzundanga* mas, sobretudo, à sociedade do país como um todo. Não obstante tais considerações, percebo que a emergência do café como mote econômico “nacional” acaba por criar, também, novas relações sociais que passam pelo crivo de diferentes modos de vida, rearranjados conforme as novas experiências históricas que se dão no horizonte social. E, nesta conjuntura, a produção cafeeira acabaria ensejando novas formas de sociabilidade, seja na *Bruzundanga*, seja no Brasil:

A economia cafeeira formou-se em condições distintas. Desde o começo, sua vanguarda esteve formada por homens com experiência comercial. Em toda a etapa da gestação os interesses da produção e do comércio estiveram entrelaçados. A nova classe dirigente formou-se numa luta que se estende em uma frente ampla: aquisição de terras, recrutamento de mão-de-obra, organização e direção da produção, transporte interno, comercialização nos portos, contatos oficiais, interferência na política financeira e econômica. (...). Essa tendência à subordinação do instrumento político aos interesses de um grupo econômico alcançará sua plenitude com a conquista da autonomia estadual, ao proclamar-se a

⁴⁶ No caso brasileiro, Celso Furtado assevera: “Pela metade do século (XIX) (...), já se definira a predominância de um produto relativamente novo, cujas características de produção correspondiam exatamente às condições ecológicas do país. O café, se bem que fora introduzido no Brasil desde o começo do século XVIII e se cultivasse por todas as partes para fins de consumo local, assume importância comercial no fim desse século, quando ocorre a alta de preços causada pela desorganização do grande produtor que era a colônia francesa do Haiti. No primeiro decênio da independência o café já contribuía com 18 por cento do valor das exportações do Brasil, colocando-se em terceiro lugar depois do açúcar e do algodão. E nos dois decênios seguintes já passa para o primeiro lugar, representando mais de 40 por cento do valor das exportações. (...) todo o aumento que se constata no valor das exportações brasileiras, no correr da primeira metade do século passado, deve-se estritamente à contribuição do café.” In: FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 33 ed., 2004. p.119. Qualquer relação entre os dois países, Brasil e *Bruzundanga*, em relação à proeminência do café, não é mera coincidência, mas fruto da análise histórica, de um, e literária, do outro.

República. (...). Mas não é o fato de que hajam controlado o governo o que singulariza os homens do café. E sim que hajam utilizado esse controle para alcançar objetivos perfeitamente definidos de uma política.⁴⁷

Diante desse quadro econômico político, Brasil e *Bruzundanga* se entrelaçam na história e na literatura. O aspecto econômico propriamente dito indica os erros cometidos por ambas as “nações” nesta esfera da vida pública, mesmo que, por vezes, tais erros estivessem em relação direta com os interesses de grupos restritos (seja no plano interno, seja no plano externo).

Na *Bruzundanga*, o ensino é cotejado de maneira a valorizar a aquisição do diploma. Em outras palavras, o “saber” está condicionado à obtenção de um título acadêmico sem que, para isso, o seu detentor tenha adquirido, de fato, algum conhecimento. Importa mais, neste sentido, as conseqüências sociais que a aquisição de um diploma proporciona àqueles que o possuem. *Status*, poder, distinção social: fatores que apontam para uma perspectiva cultural que, passando pelo cenário da educação, vislumbra um panorama pouco animador no tocante ao atendimento da população como um todo. Aqui, a divisão de classes se acentua de maneira sutil, porém contínua, revelando as fraturas de uma sociedade que insiste em privilegiar o pequeno grupo dos “doutores”.

Lima Barreto, todavia, aponta saídas e, no horizonte da utopia, sugere alternativas para a superação desta “classe doutoral” no seio da *Bruzundanga*.⁴⁸ No entanto, uma

⁴⁷ FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 33 ed., 2004. p.122

⁴⁸ Segundo o autor/narrador, “O Estado da Bruzundanga, de acordo com sua carta constitucional, declararia livre o exercício de qualquer profissão, extinguindo todo e qualquer privilégio de diploma. Feito isso, declararia também extintas as atuais faculdades e escolas que ele mantém. Substituiria o atual ensino seriado, reminiscência da Idade Média (...) pelo ensino isolado de matérias, professadas pelos atuais lentes, com os seus preparadores e laboratórios. (...) Semelhante forma de ensino, evitando o diploma e os seus privilégios, extinguiria a nobreza doutoral (...)” In: BARRETO, Lima. **Os Bruzundangas**. Porto Alegre: L&PM, 1998. p.77-79

sociedade que privilegia o “diploma” como uma espécie de abstração nobiliárquica traz consigo uma visão de mundo que se estreita dentro de seus limites territoriais. Em outras palavras, não se pode esperar, numa tal conjuntura, que exista algum sentimento de identidade nacional que faça com que a *Bruzundanga* seja reconhecida internacionalmente: “O ideal de todo e qualquer natural da Bruzundanga é viver fora do país.”⁴⁹ Nesta perspectiva, a diplomacia da *Bruzundanga* só poderia tender mesmo ao fiasco. Na esteira da ostentação de seus “diplomas”, os “doutores” que se aventuram à errância da diplomacia acabam se constituindo em meros pseudo-diplomatas, na medida em que se travestem de um saber que não possuem em nome de um país com o qual não se identificam: “A Bruzundanga é um país de terceira ordem e a sua diplomacia é meramente decorativa. Não faz mal, nem bem: enfeita.”⁵⁰

A constatação de que a sociedade da *Brunzundanga* padece em meio a costumes “pouco edificantes” ganha força na junção “natural” estabelecida entre a má formação educacional do povo e uma diplomacia fadada ao fracasso porque fútil e sem instrução. Tal situação me leva a refletir sobre o corpo jurídico-político que, de certa forma, deveria circundar a sociedade daquele país. Assim, cabe a indagação: onde se alocam os princípios e valores sócio-culturais que promovam, de fato, a instituição da cidadania na *Bruzundanga*?

Lima Barreto parece responder a esse questionamento de maneira mordaz. Por meio da crítica à Constituição Monárquica do seu “país fictício”, o autor/narrador desnuda as relações políticas que, ao entorno da Constituinte, revelam a “alma” da nação *Bruzundanga*. A alusão ao “estrangeiro” surge como algo próprio do processo político do

⁴⁹ BARRETO, Lima. **Os Bruzundangas**. Porto Alegre: L&PM, 1998. p.81

⁵⁰ Ibid., p.88

país e, desta forma, ganha relevo a idéia de se imitar outras Constituições para, dessa forma, se chegar à Constituição final da *Bruzundanga*.

O fisiologismo e os “currais políticos” são apontados como práticas comuns no meio político da *Bruzundanga* e, assim, o Estado assuma o caráter de tutor de famílias inteiras, numa relação que chega mesmo à promiscuidade. Ademais, o “compadrio” político, ancorado na esfera estatal, se transmuta em vício e fere qualquer tentativa em se constatar uma transparência no setor público. Pela Constituição do país, até mesmo o presidente (também chamado de “mandachuva”), deveria encerrar em sua personalidade e conduta que estivesse de acordo com o “tipo” de país que ele iria governar.⁵¹

Ora, nesse quadro político pouco animador, em que a “figura” do presidente (“mandachuva”) não é mais do que isso, mera “figura” decorativa dos quadros políticos do país, não soa estranho que um cargo tão importante para os rumos da “nação” esteja, quase sempre, ligado aos interesses dos doutores da *Bruzundanga*. A escolha do “mandachuva”, feita pelos doutores do lugar, se condiciona, quase que por completo, à personalidade e ao “modo de vida” do futuro chefe da nação. Assim, o “mandachuva” não deve ser um cosmopolita⁵²; não deve ter tido, em sua formação pessoal/cultural, acesso às “grandes artes (música clássica, pintura, etc.) e, antes de tudo, deve ter uma “(...) primitiva estrutura mental.”⁵³

⁵¹ “A Constituição da Bruzundanga era sábia no que tocava às condições para elegibilidade do Mandachuva, isto é, o presidente. Estabelecia que devia unicamente saber ler e escrever; que nunca tivesse mostrado ou procurado mostrar que tinha alguma inteligência; que fosse, enfim, de uma mediocridade total.” BARRETO, Lima. **Os Bruzundangas**. Porto Alegre: L&PM, 1998. p.95

⁵² “Como dizia, porém, na Bruzundanga, em geral, o mandachuva é escolhido entre os advogados, mas não julguem que ele venha dos mais notáveis, dos mais ilustrados, não: ele surge e é indicado dentre os mais néscios e os mais medíocres. Quase sempre, é um leguleio da roça que, logo após a formatura, isto é, desde os primeiros anos de sua mocidade até os quarenta, quando o fizeram deputado provincial, não teve outro ambiente que a sua cidadezinha de cinco a dez mil habitantes, mais outra leitura que a dos jornais e livros comuns da profissão – indicadores, manuais, etc.; (...)” Ibid., p.99

⁵³ Ibid.p.100

Assim, a *Bruzundanga* se constitui, a um só tempo, em motivo de humor e de amargura. Quando retrata as mazelas sócio-políticas daquele país, Lima Barreto parece-nos apontar para os desmandos, as espertezas, as “malandragens” políticas que já ganhavam espaço na política brasileira no início do século XX, a despeito das mudanças históricas pelas quais o país passava (dentre as mais importantes, sem dúvida, o processo abolicionista e o advento da República). O autor mergulha fundo na crítica dos costumes e faz dela um ponto de reflexão para se pensar que tipo de sociedade estava se estabelecendo no Brasil naquele momento histórico. Um século depois, a *Bruzundanga* insiste em nos dizer que algum de seus traços sócio-culturais ainda podem ser vistos em “outras repúblicas”... Se vivo fosse, Lima Barreto certamente atestaria essa tese.

Considerações Finais

A elaboração de um trabalho científico que seja circunscrito ao âmbito da História requer de quem escreve três elementos básicos comuns: rigor analítico, crítica documental e curiosidade. Isso mesmo: curiosidade. Em minhas “andanças” pelo trabalho monográfico, percebi quão importante é para o historiador estar sempre atento, curioso, interessado em investigar a documentação naquilo que ela “diz” ou “não diz”. Sob tal perspectiva, ao menos vislumbramos uma possibilidade mínima em não nos “encantarmos” por completo pelo objeto estudado, desviando-nos assim, de sermos acometidos pelos efeitos de se contemplar a Medusa: “petrificados”, não avançamos, ficamos à mercê do objeto de pesquisa.

Neste sentido, um trabalho monográfico de conclusão final de curso constitui-se, a meu ver, num primeiro exercício que me levou a uma redação mais elaborada do texto. O ato de escrever revelou-me que em História existem inúmeras possibilidades de análises, de elaborações de “verdades”. As interpretações, tão caras a outras ciências, ganham aqui um foro privilegiado para a sua execução: adentramos em um mundo onde as interpretações estão “a serviço” da História.

Certamente, ao longo do desenvolvimento desse trabalho, no contato com as fontes e com as leituras bibliográficas realizadas em relação a Lima Barreto, em particular, e à literatura brasileira, em geral, e outras temáticas ligadas diretamente ao meu objeto de pesquisa, percebi como o meu “olhar” estava sendo modificado em relação ao referido autor e à sua obra. Em outras palavras, percebi como, nos primórdios da pesquisa, ainda

havia em mim aquele “espírito de encantamento” com o tema pesquisado que teimava em “ditar” os rumos do trabalho.

Entretanto, foi a partir do contato mais direto com a documentação que consegui, paulatinamente, estabelecer um distanciamento crítico em relação às leituras realizadas, o que contribuiu sobremaneira para que fosse feita, no corpo do trabalho, uma análise menos “passional” no tocante à imersão de Lima Barreto no cenário literário brasileiro.

Diante disso, posso afirmar que as considerações feitas em relação a Barreto, já na reta final da elaboração do trabalho, me proporcionou, sem dúvida alguma, novos questionamentos acerca da carreira jornalística e literária de Lima Barreto, seu percurso na vida pessoal, suas investidas (propositais ou não) pela seara de uma incipiente imprensa a partir do início do século XX.

Embora tenhamos observado durante a pesquisa que a negligência de determinados fatos, seja nos trabalhos escritos sobre o escritor ou na documentação alocada nos órgãos de imprensa, tenha prejudicado em certo sentido o transcorrer das análises, creio que, sem a intenção de encerrar a discussão, foi-me possível avançar um pouco na discussão historiográfica que envolve tanto Lima Barreto, sua crítica político-social e o advento do regime republicano no Brasil. Assim, desde a análise de sua trajetória, passando pelo horizonte da *Bruzundanga*, intentei trazer a público um escritor que, depois de enfrentar as mais diversas adversidades, deixou a sua “marca” na história da literatura brasileira. Com efeito, acredito que o trabalho monográfico trouxe-me mais indagações do que respostas, na medida que “sucesso” e “fracasso”, “alegria” e “angústia” podem ser determinantes na concretização de um projeto. Esses questionamentos deixaram-me inquieta, só em pensar

em que medida os homens submetem-se a situações adversas, na luta para verem instituídos seus sonhos e daqueles que, como eles, sonham por uma sociedade mais justa e solidária.

Em relação a Lima Barreto, procuramos apontar em que medida se deu a luta pela sua sobrevivência e a concretização de seus sonhos. Desse modo, compreendemos algumas questões referentes à sua família, a sua condição de “mulato” diante de uma sociedade discriminatória em relação à cor da pele. Apresentei essas considerações por acreditar que as minhas certezas são provisórias, na medida em que espero que futuras pesquisas possam ser realizadas em relação à figura de Lima Barreto e, assim, novas interpretações possam surgir. A jornada já teve início.

Referências Bibliográficas

BARRETO, Lima. **Os Bruzundangas**. Porto Alegre: L&PM, 1998.

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BOTELHO, Denílson. **Letras militantes: história, política e literatura em Lima Barreto**. Campinas, SP: Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2001.

CÂNDIDO, Antônio. **A educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo: Ática, 2000.

_____. **Iniciação à literatura brasileira: resumo para principiantes**. São Paulo: Humanitas/FFLCH, 1999.

CHAUVIN, Jean Pierre. **O poder pelo avesso: mandonismo, dominação e impotência em três episódios da literatura brasileira**. São Paulo: Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2006.

COSTA, João Cruz. **Pequena história da República**. São Paulo: Brasiliense, 3ª edição, 1989.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 33 ed., 2004.

KHOURY, Yara Aun; ALMEIDA, Paulo Roberto de; MACIEL, Laura Antunes (Orgs.). **Outras histórias: memórias e linguagens**. São Paulo: Olho D'Água, 2006.

LIMA, Elisabeth Gonzaga de. **Aveso de utopias: Os Bruzundangas e aventuras do doutor Bogóloff**. Campinas, SP: Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 2001.

QUEIROZ, Suely Robles Reis de. **Os radicais da República; jacobinismo: ideologia e ação (1893-1897)**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Raphael Frederico Acioli Moreira da. **A “moléstia da cor”: a construção da identidade social de Lima Barreto (1881-1922)**. Campinas, SP: Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2002.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

Sítios da Internet Consultados

www.unicamp.br

www.usp.br

www.ufu.br

www.unesp.br